

“Walt Whitman e os pássaros”:

A presença do autor de *Leaves of Grass* num texto de Eugénio de Andrade¹

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa)

Palavras-chave: Eugénio de Andrade, Walt Whitman, Peter Doyle, intertextualidade, aves

Keywords: Eugénio de Andrade, Walt Whitman, Peter Doyle, intertextuality, birds

1. A sedução de Whitman

A partir da publicação do romance semibiográfico *On the Road* (1957), do escritor *beatnick* Jack Kerouac (1922-1969), cruzar os Estados Unidos da América de costa a costa passou a constituir um percurso iniciático para artistas de várias partes do mundo, que partiam em busca de determinados locais de culto literário ou musical, e de novas vivências. De certa forma, Eugénio de Andrade inseriu-se nessa tradição quando, em 1989, na companhia do seu amigo e tradutor norte-americano, Alexis Levitin, empreendeu uma viagem marcante através dos Estados Unidos e também do Canadá, desde o Atlântico ao Pacífico.

Em larga medida, este trajeto de cinco semanas destinava-se à divulgação da poesia do escritor português, através leituras em clubes, associações, institutos e diversas universidades, em particular naquelas onde existem departamentos ou centros de Estudos Portugueses e Brasileiros, ou de Literaturas Comparadas — como sucede na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara ou na de Brown, em Rhode Island. Contudo, o relato que Levitin fez dessa viagem, num artigo sugestivamente intitulado “Eugénio *On the Road*”, publicado no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (Levintin 1989: 14-15), revela os outros interesses e objetivos do poeta. Eugénio percorreu cerca de cinco mil quilómetros de automóvel, aproveitando todas as oportunidades para ir a lugares associados aos poetas de eleição (alguns dos quais reconhece como influência na arte e na vida), e a outros escritores, incontornáveis, das letras universais. Foi neste contexto que visitou a Universidade da Califórnia, onde Jorge de Sena (1919-78) dirigiu o Departamento de Literatura Comparada, e a sua campá; a residência do controverso e boémio romancista Henry Miller (1891-1980), onde tirou um retrato; a casa de um dos seus escritores diletos, Herman Melville (1819-1991), em Pittsfield, Massachusetts (Levintin 1989: 14-15).

¹ Mancelos, João de. “Walt Whitman e os pássaros’: A presença do autor de *Leaves of Grass* num texto de Eugénio de Andrade”. *Itinerários* (Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia) 8 (2008): 215-221. ISSN: 1507-7241.

Segundo o tradutor, o ponto alto desse percurso, paralelo ao das leituras de poemas e das tertúlias literárias, ocorreu em Camden, quando Eugénio visitou a casa e também o túmulo de Walt Whitman (1819-1892). O relato de Levitin é extenso, mas significativo, porque reforça a estima literária do poeta português pelo bardo norte-americano, razão suficiente para o transcrever quase na íntegra:

Eugénio referiu-se em muitas das nossas leituras à importância que a figura de Walt Whitman teve para ele. Na Universidade de Temple, dedicou a sua leitura de poesia a esse grande pioneiro. Mas no decurso da nossa estada na região de Filadélfia, teve ocasião de prestar uma homenagem ainda mais respeitosa a este espírito seminal, visitando o seu túmulo e a sua última residência. (...) Eugénio deixou um ramo de flores entalado na grade de ferro forjado que o separava deste homem, que foi para ele um pai e um irmão.

No dia seguinte, ao passarmos por um bairro degradado de Camden, descobrimos uma casa simples, com uma placa modesta que a identificava como tendo sido a casa de Walt Whitman. Eugénio examinou todas as fotografias antigas, a cadeira de baloiço, a cama onde morreu o poeta, as cartas escritas pelo seu punho, a casa de banho exterior de madeira, no quintal, e pediu-me para lhe tirar o retrato à cabeceira da cama onde Whitman morreu. (...)

Quando saímos, percebo que esta peregrinação de homenagem a Whitman foi um dos principais acontecimentos da visita de Eugénio à América. (Levitin 1989: 15)

De facto, dentre os poetas de língua inglesa, Whitman é aquele que merece de Eugénio o maior número de referências elogiosas, tanto na poesia como nas reflexões. Só para citar dois exemplos: em *Rosto Precário* (1979), o escritor de Póvoa de Atalaia manifesta o seu apreço por Whitman, ao nível da personalidade e da obra: “Curiosamente, em Whitman não foi só a poesia que me seduziu, foi também a personalidade, que é inseparável de quanto o poeta escreveu” (Andrade 1995: 184); na mesma linha, em *À Sombra da Memória* (1993), Eugénio admite que o bardo de Brooklyn deteve, na sua vida e na escrita, “uma importância que pouquíssimos mais tiveram” (Andrade 1993: 27).

Não é de estranhar que, na sua obra poética, Eugénio tenha homenageado Whitman, de forma implícita e explícita, em textos como “Mediterrâneo” (Andrade 2005: 214); “Walt Whitman e os Pássaros” (Andrade 2005: 289-290); “O Rapazito de York” (Andrade 2005: 408-409); “Carne de Amor” (Andrade 2005: 467); e “Washington Square” (Andrade 2005: 469). De todos estes poemas, “Walt Whitman e os Pássaros” é um dos mais conseguidos, pela riqueza de imagens e por uma capacidade evocativa quase onírica.

Neste artigo, proponho-me analisá-lo, numa perspetiva intertextual, procurando desvendar as relações que tece com a obra e a vida de um dos mais marcantes poetas de todos

os tempos. O meu objetivo é mostrar como Eugénio homenageia Whitman, com conhecimento profundo do seu trabalho literário e biografia, de forma imaginativa e sensível. Para tanto, recorro à obra de ambos os autores, a bibliografia crítica e naturalmente à minha opinião.

2. “Walt Whitman e os Pássaros”: evocações

“Walt Whitman e os Pássaros” insere-se na obra *Memória doutro Rio*, editada pela primeira vez em 1978, numa altura de franca produção do poeta, que publicava uma média de quase um livro por ano. Trata-se de um poema em prosa, um género que Eugénio cultivou com certa frequência, sobretudo nos volumes *Memória doutro Rio* (1978) e *Vertentes do Olhar* (1987), também incluindo um número significativo deste tipo de composições em *Limiar dos Pássaros* (1976). Os seus três volumes de meditações, entrevistas, críticas e apontamentos biográficos — *Os Afluentes do Silêncio* (1968), *Rosto Precário* (1979), e *À Sombra da Memória* (1993) — apresentam igualmente textos que seria possível inserir nos ditos livros, sem risco de criar disparidade.

Não tenciono debruçar-me sobre as implicações e explicações dos poemas em prosa na obra eugeniana, trabalho que tanto António Manuel Ferreira (2004: 59-70), como Maria Alzira Seixo (2007: 20-21) empreenderam, de modo mais profundo no caso do primeiro ensaísta. No entanto, devo salientar que, em Eugénio, o poema em prosa se alia ao pendor narrativo do texto; apresenta personagens e referentes espaço-temporais; e alude, com frequência, a episódios da infância e juventude do poeta. De facto, nesse tipo de trabalho, “confluem harmoniosamente a vontade de contar e a necessidade de elaboração semântica e estilística”, como realça Ferreira (2004: 60).

Neste espírito, o texto “Walt Whitman e os Pássaros” constitui um pequeno episódio ou brevíssima narrativa, que transcrevo integralmente:

Ao acordar lembrei-me de Peter Doyle. Deviam ser seis horas, na Austrália em frente um pássaro cantava. Não vou jurar que cantasse em inglês, só os pássaros de Virgínia Woolf têm privilégios assim, mas o júbilo do meu pisco trouxe-me à memória a cotovia dos prados americanos e o rosto friorento do jovem irlandês, que naquele inverno Walt Whitman amou, sentado ao fundo da taberna, esfregando as mãos, junto ao calor do fogão.

Abri a janela, na escassa claridade que se aproximava procurei, em vão, a delícia sem mácula que me despertara. Mas de repente, uma, duas, três vezes, ouviram-se uns trinadinhos molhados, a indicar-me um sopro de penas que mal se distinguia da folhagem. Então, invocando antiquíssimas metáforas do canto, peguei no livro venerando que tinha à mão e, de estrofe em estrofe, fui abrindo as represas às águas do ser, como quem se prepara para voar. (Andrade

2005: 289-290)

No início do poema em prosa em análise, o sujeito poético abre a janela, em busca da ave (um pisco), cujo canto desencadeia uma série de memórias, por associação: “a cotovia dos prados americanos e o rosto friorento do jovem irlandês, que naquele inverno Walt Whitman amou” (Andrade 2005: 290). A propósito, é importante salientar que Eugénio recorre, com alguma frequência, a uma estratégia imaginativa e curiosa para evocar ou homenagear os poetas que aprecia: associa alguns desses escritores a um ou mais pássaros presentes no respetivo trabalho literário. Por exemplo, menciona a cotovia do texto dramático *Romeo and Juliet* (c. 1595) e as andorinhas de *Antony and Cleopatra* (1606-1607) para aludir a William Shakespeare (Andrade 2005: 174, 305); o rouxinol de “Ode to a Nightingale” (1820), de John Keats (1795-1821) (Andrade 2005: 353); os cisnes de “The Wild Swans at Coole” (1919), de William Butler Yeats (1865-1949) (Andrade 2005: 602-603); os melros e os pavões dos poemas “Thirteen Ways of Looking at a Blackbird” e “Domination of Black”, de Wallace Stevens (1879-1955) (Andrade 2005: 283-284, 495, 504, 505, 547); e, no poema em prosa em análise, a cotovia de Whitman (1819-1892) (Andrade 2005: 289-290).

Esta ave reuniu a preferência de vários escritores, ao longo dos tempos, pela graciosidade do canto: por exemplo, William Wordsworth (1770-1850), um proeminente poeta romântico inglês, em “To a Skylark”, associou-a à exultação da madrugada; por seu turno, Percy Bysshe Shelley (1792-1822) dirige-se-lhe, em a “Ode to a Skylark”, meditando sobre a doçura melancólica e a elegância do seu voo, inspirador e espiritual; também James Hogg (1770-1835) elogia este pássaro, em “The Skylark”, classificando-o como um símbolo da alegria.

A cotovia esvoaça igualmente por vários textos do bardo norte-americano. Destes, merece particular destaque “A Meadow Lark”, uma famosa entrada de diário, incluída no texto *Specimen Days* (1819-1892), que provavelmente Eugénio conhecia:

March 16, 1878. — Fine, clear, dazzling morning, the sun an hour high, the air just tart enough. What a stamp in advance my whole day receives from the song of that meadow lark perch'd on a fence-stake twenty rods distant! Two or three liquid-simple notes, repeated at intervals, full of careless happiness and hope. With its peculiar shimmering-slow progress and rapid-noiseless action of the wings, it flies on a ways, lights on another stake, and so on to another, shimmering and singing many minutes. (Whitman 1982: 815)

Neste passo, Whitman compraz-se com o canto simples da cotovia, duas ou três notas soltas e alegres, avivando uma manhã no término do Inverno, tal como Eugénio aprecia a música do pisco, e abre a janela para melhor escutá-lo. Ao mesmo tempo, o escritor norte-americano

admira o voo quase silencioso da ave, que vai saltitando de estaca em estaca, ao longo de uma vedação de madeira. Todo o texto realça a candura do pássaro e celebra a euforia de viver e de cantar, mesmo num dia frio. Esta entrada de diário enleia também pelo ar de registo rápido, captura de um momento que passaria despercebido a quem não tivesse uma sensibilidade poética e, portanto, atenta aos pequenos milagres do quotidiano. Coube ao acaso e ao talento de Whitman trazê-lo para o papel e, assim, immortalizar aquela manhã de dezasseis de Março de 1878.

Outros aspetos ligam o texto de Eugénio a Whitman: por exemplo, logo na primeira frase do poema em prosa, surge uma referência a Peter Doyle. Para compreender capazmente o texto, o leitor deve saber quem foi este indivíduo e a importância que deteve na esfera afetiva de Whitman. O poeta norte-americano conheceu Doyle por mero acaso, numa noite fria de Dezembro de 1865. Regressava a casa, na linha Washington-Georgetown, quando entabulou conversa com o condutor do elétrico, Doyle, na altura um jovem de dezoito anos. Whitman ficou de tal modo fascinado pelas suas ideias e beleza física que acabou por não se apeiar e, em vez disso, fez-lhe companhia na viagem de retorno à central dos transportes, em Anacostia (Oliver 2006: 278-279).

Aparentemente, os dois homens detinham poucos aspetos em comum: Whitman era uma figura já importante nas letras norte-americanas, enquanto Doyle possuía uma educação básica; o bardo de Brooklyn tinha mais do dobro da idade do jovem; o primeiro era um pacifista, o segundo combatera no exército confederado, durante a sangrenta Guerra Civil (1861-1865), que opusera o Norte ao Sul escravagista. Houve, por certo, desentendimentos e atritos entre ambos, como registaram os biógrafos: Whitman achava desagradável, por exemplo, que Doyle gostasse demasiado de mulheres, e entristecia-se por notar o pouco que apreço que reservava à poesia (Oliver 2006: 278-279).

Contudo, dando razão à sabedoria popular, que afirma que “os opostos se atraem”, estabeleceu-se entre ambos um sólido afeto, talvez de natureza homossexual (não há qualquer prova concreta disso). Por várias vezes, Doyle referiu-se ao bardo como “affectionate father and comrade”, ao passo que Whitman o tratava por “beloved male friend”, “darling son” ou ainda “the one I love” (ap. Oliver 2006: 278). Ao longo de vinte e sete anos, Doyle cuidou do seu companheiro, com desvelo, até à morte deste, em 1892, ficando para sempre associado à figura do poeta.

O texto de Eugénio alude ainda ao poema “A Glimpse”, de Whitman (1982: 163). São versos singelos, celebrando o instante de ternura entre dois homens, que se conhecem numa taberna:

A glimpse through an interstice caught,
 Of a crowd of workmen and drivers in a barroom around the stove
 late of a winter night, and I unremarked seated in a corner,
 Of a youth who loves me and whom I love, silently approaching and
 seating himself near, that he may hold me by the hand,
 A long while amid the noises of coming and going, of drinking and oath
 and smutty jest,
 There we two, content, happy in being together, speaking little,
 perhaps not a word.
 (Whitman 1982: 163)

A intimidade entre os amantes sobrevive, mesmo num espaço público, apinhado de trabalhadores exaustos da jornada, e vive mais do gesto (o poeta segura na mão do jovem), que das palavras que poderiam eventualmente ter sido trocadas entre ambos.

Detetei quatro referências a “A Glimpse”, veladas mas inequívocas, no texto “Walt Whitman e os Pássaros”:

- a) A época do ano: “naquele Inverno” (Andrade 2005: 290);
- b) O local: “ao fundo da taberna” (Andrade 2005: 290);
- c) A atmosfera: “o calor do fogão” (Andrade 2005: 290);
- d) A referência ao desejo homoerótico: “o rosto friorento do jovem irlandês, que naquele inverno Walt Whitman amou” (Andrade 2005: 289-290).

Estas menções provam que Eugénio conhecia não apenas o subtexto “A Glimpse”, mas também o *contexto*, ou seja, o afeto de Whitman por Doyle. Tal, parece-me, reforça a homenagem feita ao bardo de Brooklyn e valoriza o poema em prosa através da sua relação simultaneamente intertextual e biográfica.

Por fim, o texto do poeta português culmina com um passo de grande beleza lírica, em que o sujeito poético também voa, não nas asas do pisco, mas da imaginação: “peguei no livro venerando que tinha à mão e, de estrofe em estrofe, fui abrindo as represas às águas do ser, como quem se prepara para voar” (Andrade 2005: 290). O título do “livro venerando” não é mencionado, mas sendo o poema aludido “A Glimpse”, uma secção do texto “Calamus”, trata-se de *Leaves of Grass* (1855-1892), a obra-prima de Whitman.

3. Versos cruzados

“Walt Whitman e os Pássaros” não tem sido alvo de comentários frequentes ou aprofundados por parte dos especialistas na obra eugeniana — talvez um reflexo do pouco estatuto que os poemas em prosa detêm ainda no nosso país. É lamentável que assim seja, pois,

como julgo ter provado, trata-se de um texto de rara beleza e de uma justa homenagem de Eugénio a um dos poetas que mais o influenciou na obra e na vida. Tal como sucede com outras criações deste autor, merece ser redescoberto, relido e reinterpretado, numa perspetiva comparativa. Afinal, “Walt Whitman e os Pássaros” traz palavras entreabertas, por onde se escoia a luz de poemas antigos, feitos verbo novo; e onde relampeja o génio de dois escritores, unidos por essa fosforescência a que chamamos poesia.

Bibliografia

- Andrade, Eugénio de. *À Sombra da Memória*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1993.
- . *Rosto Precário*. 6ª ed. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1995.
- . *Poesia*. 2ª ed. revista e acrescentada. Posfácio de Arnaldo Saraiva. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 2005.
- Ferreira, António Manuel. “Os Poemas em Prosa de Eugénio de Andrade”. *Forma Breve 2* (2004): 59-70.
- Levitin, Alexis. “Eugénio on the road”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias* 340 (10.1.1989-16.1.1989): 14-15.
- Oliver, Charles. *Critical Companion to Walt Whitman: A Literary Reference to his Life and Work*. New York: Facts on File/Infobase, 2006.
- Seixo, Maria Alzira. “A Prosa de Eugénio”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias* 958 (20.06.2007-3.07.2007): 20-21.
- Whitman, Walt. *Complete Poetry and Collected Prose*. New York: The Library of America, 1982.

Resumo

Eugénio de Andrade homenageou Walt Whitman, de forma implícita e explícita, em diversos textos. Desses, “Walt Whitman e os Pássaros” é um dos mais conseguidos, pela riqueza de imagens e capacidade evocativa. Neste artigo, proponho-me analisá-lo, numa perspetiva intertextual, desvendando as relações que tece com a obra e a vida de um dos mais marcantes poetas de todos os tempos. O meu objetivo é mostrar como Eugénio homenageia Whitman, com conhecimento profundo do seu trabalho literário e biografia, de forma imaginativa e sensível. Para tanto, recorro à obra de ambos os autores, a bibliografia crítica e, naturalmente, à minha opinião.

Abstract

Eugénio de Andrade paid a tribute to Walt Whitman Whitman, explicitly and implicitly, in several texts. One of the most accomplished of those works is “Walt Whitman e os Pássaros”, thanks to its richness of imagery and evocative mood. In this article, my aim is to analyze it, according to an intertextual perspective, and to unveil the relation it bears to the life and work of one of the most outstanding poets of all times. My main objective is to exemplify how Eugénio pays homage to Whitman, with a deep knowledge of his literary work and biography, in an imaginative and sensitive way. In order to do so, I resort to the work of both poets, some critical bibliography and, naturally, to my own opinion.